

# ***A complementaridade de saberes técnicos com arte e cultura: reflexões teóricas, a experiência do Projeto Mostra de Talentos no IFRJ – campus Realengo e uma proposta para sua expansão***

*Complementarity of technical skills with art and culture: theoretical reflections, the Talent Show Project experiment at IFRJ – campus Realengo and a proposal for its expansion*

Maria Célia Dantas Pollig\*

Este artigo apresenta o embasamento teórico com o qual me envolvi para compreender melhor a dimensão da tarefa a que me proponho, na forma do desenvolvimento do Projeto Mostra de Talentos, pela complementaridade da formação técnica e da oferta de oportunidades de expressão artística e culturais, enquanto Orientadora Educacional do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) *campus* Realengo. Concluo apresentando reflexões e propondo a ampliação do escopo de intervenção do projeto, que poderia ser transformado em programa institucional do IFRJ.

*This paper presents the theoretical basis I have used to better understand the dimension of the task I intend to accomplish. As Educational Advisor at the Federal Institute of Education, Science and Technology of Rio de Janeiro (IFRJ), campus Realengo, my plan is to develop and expand the so called Talent Show Project, by complementing technical training, and providing opportunities for artistic and cultural expression. The study also presents several reflections for achieving the expansion of the scope of the Project intervention, which can become an institutional program developed at IFRJ.*

Palavras-chave: Pulsão. Sublimação. Educação. Arte. Cultura.

Keywords: Pulsion. Sublimation. Education. Art. Culture.

## ***Introdução***

Durante anos de trabalho, no Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), tive contato com discentes que, apesar de incentivados a se dedicar a alguma forma de expressão artística, retraíam-se. Isto também acontecia durante a exposição de conteúdos em sala de aula, apresentando um quadro de “inibição intelectual”. Assim, as diferentes formas com que essas pessoas reagiam às sugestões de encaminhamento foram as principais causas de motivação, a fim de buscar um embasamento teórico para um melhor entendimento dessa diversidade, e também dos efeitos positivos das atividades artísticas e culturais para aqueles que aceitavam a orientação.

\* Mestra em Psicanálise, Saúde e Sociedade pela Universidade Veiga de Almeida (UVA). Pedagoga do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ), Rio de Janeiro/RJ – Brasil. E-mail: maria.pollig@ifrj.edu.br.

Com isso, busquei uma forma mais adequada de lidar com os discentes encaminhados ao nosso setor, uma vez que estava certa de que, com uma bagagem teórica mais abrangente e aprofundada, seria capaz de atuar de modo profissionalmente mais efetivo.

Tendo tomado como ponto de partida a observação acerca das mudanças ocorridas com os discentes no que diz respeito a sua forma de “estar no mundo”, conjugada à oportunidade de aquisição de conhecimentos e desenvolvimento de estudos na área da psicanálise, verifiquei que seriam de ajuda à melhoria de minha atuação profissional os conceitos de Pulsões, Destinos das Pulsões (particularmente a Sublimação), acompanhados de alguns conceitos em paralelo, como evolução civilizatória, inibição intelectual, neuroses, controle de comportamento social e agressividade natural.

Um estímulo adicional e importante foi a oportunidade de ler o texto freudiano “Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância” (FREUD, 1910), que mostrou a possibilidade de aplicação da sublimação no campo profissional, já que, sendo esse o destino da pulsão que possibilita a expressão artística, científica e cultural, foi ao encontro de alguns desafios que enfrento durante o exercício das minhas funções no Instituto.

## ***Desenvolvimento***

### *A. A Educação e a Orientação Educacional*

Na realidade, a escola muda – e deve mudar – de acordo com a evolução da sociedade na qual se insere. Em seu princípio, a escola era privilégio de poucos, acessível a personalidades influentes e nobres dos ambientes sociais em que viviam. Quando não tinham um preceptor ou um grupo de preceptores à sua plena disposição, compareciam ao ambiente escolar no qual era dada maior importância ao comportamento social – daí a política de dura disciplina vigente – do que ao conjunto de saberes.

Segundo Rosa, em seu livro “A História da Educação através dos textos” (21ª edição, 2011), nas épocas de hegemonia das culturas helênica e romana, o saber era concentrado na filosofia e na ética da cidadania, com valores como a valentia, a prudência e a hospitalidade. Na cultura romana, particularmente, acentuou-se o privilégio da educação voltada a poucos, no caso, aos que tinham o *status* de cidadãos.

Depois disso, com a ascendência do Cristianismo no Ocidente, a educação ficou restrita aos ambientes onde os clérigos formavam o corpo docente e se preocupavam em fornecer aos alunos as noções de ética e moral baseadas na imitação de Jesus Cristo. Nessa época, a filosofia clássica, oriunda de pensadores gregos, romanos e alguns filósofos árabes, foi relegada a um plano menor.

Essa filosofia apareceu novamente durante a Renascença, quando alguns cientistas, artesãos e pensadores promoveram uma renovação cultural, resgatando conhecimentos e

contribuindo para um significativo avanço nas artes, nas ciências e, como consequência, nos saberes transmitidos aos alunos (aprendizes). Ainda assim, a disciplina e a repressão aos comportamentos considerados antissociais eram tidas como de grande importância.

Durante o século XVIII, houve uma transformação no conceito de Escola, onde não mais eram importantes (embora ainda existissem) os castigos corporais, mas, agora, o foco estava na formação do educando.

Nesse contexto, a ideia predominante da educação escolar passou a ser de tornar a criança capaz de lidar com as responsabilidades da vida adulta, vivida em sociedade. Uma mudança ocorreu no século XIX, quando se pretendeu que a educação permitisse e reforçasse a canalização do comportamento pelos próprios formandos, de modo a fazer com que o recém-saído da escola pusesse em prática, em harmonia com o resto da sociedade, o papel que dele se esperava.

Com esse fardo colocado sobre a estrutura escolar, em que se considerava que condições de formação idênticas levariam à formação de “bons” cidadãos, com oportunidades iguais dentro do mercado de trabalho e vivendo harmonicamente com seu nicho social, claro está que o modelo fracassou. Não havia política educacional perfeitamente definida. Não existia, também, na época, tanta demanda por mão de obra escolarizada, além de a própria mão de obra trabalhadora não sentir necessidade de escolarização formal. (PATTO, 1999, p.42)

A escola, responsabilidade do Estado, começou a agregar ao corpo docente profissionais da área médica e psicológica, na tentativa de manter o curso originalmente traçado, em seu planejamento. Como consequência quase imediata, concluiu-se que o problema estava localizado nas famílias dos educandos, que, por má estrutura ou desinteresse, não cumpria a parte da responsabilidade que lhes cabia. Desta forma, temos, no início do século XX, uma espécie de conflito entre a escola e a família, com a primeira valendo-se dos instrumentos normativos que regulavam seu funcionamento e atribuições.

Após algum tempo, verificou-se um impasse. Em função disso, por essa situação de crise, a escola, novamente, precisou repensar suas funções.

As mudanças socioeconômicas e culturais ocorridas na sociedade do mundo ocidental, em geral, e na brasileira, em particular, a partir dos meados do século XX, levaram a escola a questionar suas funções tradicionais e criar novos serviços, além da presença eventual de médico e psicólogo, tentando complementar melhor a educação familiar. Ou seja, de modo geral, o Estado tomou a si um papel mais ativo na formação da cidadania. Por isso, provocou o aumento, em quantidade e variedade de funções, das pessoas envolvidas no processo educativo, assumindo, gradativamente, a responsabilidade pelo desenvolvimento integral do educando, em seus múltiplos aspectos: físico, intelectual, escolar, social, emocional, moral, vocacional e profissional que, antes, ocorriam, na criança e no adolescente, dentro do âmbito do núcleo familiar.

A complexidade dessa nova responsabilidade do Estado levou a um estudo mais profundo e cuidadoso dos numerosos e diversificados fatores causadores do

fracasso escolar. A conclusão maior e imediata é que a educação não poderia limitar-se unicamente ao relacionamento Professor-Aluno. Uma entre outras funções complementares ao processo de aprendizagem seria a Orientação Educacional.

Existem vertentes que apontam para o fato de que a atuação do Orientador Educacional, que, em seus estágios iniciais, era voltada à resolução de problemas de disciplina escolar, ganhou maior abrangência e, juntamente com os demais atores no ambiente escolar, hoje trabalha proativamente na formação complementar do aluno, em adição aos conhecimentos que adquire em sala de aula. Dessa forma é que, com um perfil mais preventivo do que corretivo, aparece na forma de fomentadora de atividades extraclasse, atuando, em sintonia com o corpo docente, na formação do aluno, considerando-o como um ser integral, tratado de maneira holística. Aqui entram, entre outras, as atividades culturais e artísticas, que permitem o desenvolvimento de um cidadão em toda sua plenitude.

### *B. As pulsões humanas*

Antes de qualquer reflexão, desenvolvo aqui, um abreviado histórico do desenvolvimento dos conceitos freudianos, com os quais me envolvi, na tentativa de entender melhor motivações, sintomas e reações com as quais me deparava no dia a dia profissional. Ao mesmo tempo, em paralelo à leitura de Freud, busquei autores que endossavam, aumentavam a abrangência de seus conceitos ou polemizavam e até discordavam da interpretação original oferecida pelos escritos freudianos, buscando me situar em relação às controvérsias que surgiram no campo psicanalítico.

O texto “Projeto para uma psicologia científica”, escrito em 1895, embora não tenha sido publicado por Freud, dada a sua insegurança em relação a alguns dos conceitos emitidos, que nunca permitiram que ele pudesse considerá-lo uma obra pronta, foi estudado neste trabalho. A razão para isto é que nele encontramos o esboço de muitas das ideias, que foram retomadas e validadas por Freud em seus trabalhos posteriores, especialmente no que diz respeito ao papel fundamental que têm, na teoria freudiana, as noções de desejo e memória, assim como a de pulsão que, ainda não nomeada naquele trabalho, já tem nele suas linhas gerais esboçadas.

Analisando o texto “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade” (FREUD, 1905), é possível perceber que, de modo um tanto indireto, Freud contribui com questões relativas à educação, uma vez que, ao longo do texto sobre sexualidade infantil (segundo ensaio de “Três ensaios...”), ele relaciona alguns problemas encontrados no campo educativo como sendo causados pela exclusão da sexualidade como parte do desenvolvimento da criança. A pulsão de saber teria como destino de atividade a sublimação, como uma tentativa de domínio sobre os impulsos sexuais, sendo a escopofilia usada como fonte de energia. (LIMA e LIMA, 2010, p.2)

No artigo “As pulsões e seus destinos”<sup>1</sup>, Freud coloca pulsão como “um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente” (FREUD, 1915, p.127).

Nesse artigo, Freud apresenta os quatro possíveis destinos das pulsões, mostrando, ainda, uma distinção entre elas, sendo algumas de cunho sexual e outras, ligadas à autoconservação do sujeito. Freud sugere a sublimação como um desses destinos e, entre os demais, o que se apresenta como mais produtivo, do ponto de vista da inserção do indivíduo ao seu grupo social e o melhor para o desenvolvimento civilizatório.

### *C. A evolução civilizatória e os males da humanidade<sup>2</sup>*

No trabalho “Mal-estar na civilização”, escrito por Freud entre 1929 e 1930, o autor nos mostra que a vida é construída de uma sucessão de momentos bons e maus, durante a qual passamos por sofrimentos e decepções inúmeras, ao lado de breves instantes de alegria. Algumas tarefas parecem-nos impossíveis de cumprir e ficamos a cogitar como poderíamos suportá-las sem ajuda, mesmo que artificial. Existem medidas de caráter paliativo com alguma eficácia em fazer-nos extrair alguma alegria, mesmo que fugaz e eminentemente substitutiva, de nossa desgraça. São derivativos, ilusões ou substâncias tóxicas, cada qual com um efeito físico e psíquico sobre o ser humano. (op. cit., p.83)

Por esses percalços, somos tentados a afirmar que a felicidade do homem não estava incluída no plano da criação do mundo. O que chamamos de felicidade, normalmente, é proveniente da satisfação de necessidades represadas e, em geral, tem manifestação episódica e curta. Mesmo quando tal manifestação de prazer se prolonga, seu efeito vai se atenuando. Só conseguimos prazer intenso a partir de uma situação de contraste entre dois momentos, nunca de um constante e invariável estado de coisas que nos acometem ou de fenômenos que possuam pouca diferença entre si.

A infelicidade, ao contrário, é muito mais fácil de experimentar, afirma Freud (op. cit., p.84-85). Somos atacados pelo sofrimento a partir de três direções: de nosso próprio corpo, condenado à decadência e à morte, com a indefectível companhia de dor e ansiedade, do mundo externo (natureza), que pode voltar-se contra nós de forma esmagadora e impiedosa; e, finalmente, de nossos relacionamentos com outras pessoas. Essa última fonte, talvez, seja a mais penosa.

Uma técnica interessante, possibilitada pelo arsenal que nosso aparelho mental nos coloca à disposição para afastar o sofrimento, reside nos deslocamentos de libido. Para tal, esta técnica conta com a sublimação de nossas pulsões, obtendo

<sup>1</sup> “Os instintos e suas vicissitudes”, na edição ESB Imago, citado nas Referências.

<sup>2</sup> O texto deste subtítulo é composto por uma interpretação do estudo freudiano “O mal estar na civilização”, redigido entre 1929 e 1930, a partir dos trechos mais significativos para o ponto de vista da Educação. As menções de páginas são correspondentes às constantes na obra editada pela IMAGO, 1996, Rio de Janeiro, conforme consta nas Referências, a menos que a menção indique, explicitamente, obra diferente.

prazer a partir das fontes do trabalho psíquico e intelectual. Uma satisfação desse tipo, como, por exemplo, a alegria do artista em criar, em dar corpo às suas fantasias, ou a do cientista em solucionar problemas ou descobrir verdades, possui uma qualidade especial. O ponto fraco desse método, segundo Freud (op. cit., p. 87), está em não ser aplicável em nível total, porque só é acessível a algumas pessoas. E mesmo para os poucos que possuem dotes especiais para tal, o método não proporciona uma proteção completa contra o sofrimento. Não é absolutamente impenetrável e, geralmente, falha quando a fonte do sofrimento é interior à pessoa, física ou psicologicamente.

Quanto à terceira fonte, nossa atitude é diferente. Não a aceitamos e não podemos perceber porque o modo pelo qual as regras estabelecidas por nós mesmos não redundam em proteção e benefício, em vez de se tornarem em mais uma causa de sofrimento.

Deparamo-nos, ao estudar esse aspecto, com um espantoso argumento que sustenta que o que chamamos de civilização é que é, em grande parte, responsável por nossa infelicidade. Seja de qualquer maneira que queiramos definir civilização, o fato é que tudo o que buscamos para nos proteger contra as fontes de sofrimento, integram esse mesmo conjunto a que damos o nome de civilização. (op. cit., p. 93)

A humanidade tem efetuado um progresso extraordinário nas ciências naturais e em sua aplicação técnica, estabelecendo um controle sobre a natureza numa intensidade nunca vista. Somos orgulhosos de nossas realizações e conquistas; entretanto, nada disso aumentou a quantidade de satisfação prazerosa que poderíamos esperar da vida e não nos tornamos mais felizes. A partir daí, Freud (op. cit., p.94-95) conclui que o domínio da natureza não constitui a única condição de existência da felicidade humana.

De acordo com Freud, a palavra “civilização” descreve a soma integral dos feitos do homem para adequar a natureza à sua forma de viver e das regras que distinguem nossas vidas das de nossos antepassados; essa palavra serve a dois intuitos, que são o de proteger os homens contra a natureza e o de ajustar os seus relacionamentos mútuos.

O homem pode vangloriar-se de aumentar seu grau de civilização não apenas por meio de realizações pragmáticas e solidamente funcionais. Constatamos que algo não lucrativo que a civilização valoriza é a beleza. O homem civilizado, de acordo com Freud (op. cit., p.99-100), reverencia a beleza, sempre que a percebe na natureza ou que a crie através de seu trabalho manual. O aspecto que melhor caracteriza a civilização é a estima e o incentivo em relação às atividades mentais mais elevadas do homem, como suas realizações intelectuais, científicas e artísticas.

Então, de modo geral, podemos afirmar que o que existe por trás das atividades humanas é um esforço desenvolvido no sentido de se alcançar dois objetivos concomitantemente: a utilidade e a obtenção de prazer (o domínio e “moldagem” do ambiente natural e a beleza).

Um passo decisivo na evolução da civilização foi a substituição do poder do indivíduo pelo poder de um grupo constituído. Essa substituição levou, automaticamente, à restrição das possibilidades de satisfação individual em favor

do bem comum. A primeira exigência da civilização, vista por esse ângulo, é a da justiça, ou seja, a garantia de que um regulamento, uma vez criado, não será violado a favor dos interesses de um indivíduo. (op. cit., p.101-102)

Freud escreve que existe – e se impressiona com isto – uma semelhança entre os processos civilizatórios e o desenvolvimento libidinal do indivíduo. Algumas pulsões são levadas a deslocar as condições originais de sua satisfação, ou seja, a procurar diferentes destinos. Um desses destinos é o da sublimação. Esta é, particularmente, evidente no desenvolvimento cultural; por ela tornam-se possíveis as atividades mais relevantes da civilização. Mesmo sem análise profunda, poder-se-ia dizer que a civilização impôs a sublimação como o destino mais adequado ao seu próprio desenvolvimento. (op. cit., p. 103)

#### *D. A sublimação: o nobre destino da pulsão*

É curioso ver o avanço de Freud em relação ao conceito de sublimação. Não foi um avanço linear e contínuo, mas com “idas e vindas”, de acordo com o amadurecimento de sua prática clínica e à medida que enveredava por outros estudos, tentando explicar os sintomas e as patologias que lhe chegavam ao conhecimento. A noção freudiana de sublimação se faz muito presente em vários textos. No entanto, apesar de suas diversas menções a este mecanismo psíquico, em nenhum momento Freud postulou à atividade sublimatória uma definição bem acabada. No início, Freud considerava a sublimação como um fenômeno básico de defesa do sexual (noção presente na Carta 61, de 1897) e, em se tratando de uma pulsão, seus estudos tendem a considerá-la oriunda do recalque e em estreita ligação com este.

A conceituação da sublimação como um destino diferente e independente do recalque aparece no seu trabalho “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, no qual Freud (1905) continua a tratar a sublimação como uma defesa em relação ao “sexual”, mas começa a sinalizar com aspectos de dessexualização nesse processo de defesa.

Destacamos o fato de que uma característica importante da sublimação é a satisfação através de uma atividade valorizada socialmente. Curiosamente, essa atividade pode levar o sujeito a trilhar um caminho marginal em relação aos valores sociais vigentes numa determinada cultura, o que culmina no questionamento (e eventual derrubada) desses valores, e representa, positivamente, a possibilidade de um passo cultural e/ou civilizatório evolutivo.

Por fim, mencionamos aqui o entendimento de Lacan (2008) em relação à sublimação, apresentando a ideia de um objeto comum, ou até um “nada” (*ex nihilo*) sendo, pelo destino sublimatório, elevado à categoria de “Coisa”, aceitável e até passível de louvação por parte da sociedade. A ideia do “nada” ou do “vazio” é um elemento importante, onde o comportamento artístico como resultado da sublimação é analisado.

### *E. Leonardo Da Vinci e a sublimação*

Freud estuda, do ponto de vista psicanalítico, aspectos da vida e da obra de Leonardo da Vinci, enfatizando o papel da sublimação. O grande artista e cientista é tomado como um paradigma da sublimação, face à potência de sua produção artística, científica e cultural. É interessante notar que Freud, no texto “Leonardo da Vinci e Um Retrato de Sua Infância” (1910), coloca a sublimação completamente em oposição ao recalque, além de deixar explícita sua propriedade de dessexualização.

Nesse artigo, Freud deixa claro que o fator primordial, que leva o sujeito a querer saber sobre algo é o desejo de descobrir sobre a origem dos bebês ou sobre outro tema similar, sempre de cunho sexual. A fim de que a pulsão sexual se transforme em atividade sublimada, é preciso que, inicialmente, as crianças pequenas atravessem a fase de intensas perguntas, que estão relacionadas ao interesse sexual, mas tais questionamentos nunca são feitos de modo direto; a pergunta principal nunca é formulada. Após esse período, um forte recalque ocorre, devido aos desdobramentos do complexo edípiano, e Freud (1910) destaca três saídas para o fim dessas pesquisas infantis.

Na primeira saída, a curiosidade sexual fica inibida e, a partir daí, a atividade intelectual poderá ser afetada negativamente por toda a vida. Freud destaca que a educação pode proporcionar uma “inibição intelectual”. A tal processo, ele denomina inibição neurótica, uma característica presente nas neuroses.

Na segunda saída, as pesquisas tornam-se uma atividade sexual, decorrentes da antiga associação entre curiosidade e sexualidade, e emergem do inconsciente, sexualizando todo o processo do pensamento. Da mesma forma que a curiosidade infantil, os limites da busca de uma solução para as pesquisas intelectuais também são inalcançáveis. Esta saída, segundo Freud, foi a que existiu na vida de Leonardo da Vinci, classificado pelo autor como neurótico compulsivo.

A terceira saída é uma posição intermediária entre a inibição do pensamento e a neurose compulsiva. Nesta saída, apesar de existir o recalque, a libido consegue ser sublimada e ligar-se à pulsão de saber. (LIMA e LIMA, 2010, p.5)

Freud tenta, neste trabalho (1910), desvendar o significado oculto nas obras de Da Vinci, buscando encontrar as raízes desse mistério na vida infantil do artista, passada, durante algum tempo, sem a presença real de um pai, filho bastardo que era.

Leonardo, nas artes plásticas e na ciência, vivencia, da mesma forma que os escritores criativos (FREUD, 1908a), a mesma busca infrutífera da perfeição que, sendo-lhe negada, conduz ao caminho da repetição de obras, eventualmente nunca completadas. Novamente aparece a figura da tentativa de aproximar-se da “Coisa” perdida, e o destino de nunca obter a satisfação integral do desejo.



## *F. Freud e a Educação*

Freud (1908b) é de opinião que a educação tem a função de limitar o autoerotismo, evitando que o sujeito se fixe nele e que sua pulsão sexual fique descontrolada. Embora, no ambiente educacional, as pulsões sexuais possam ser reprimidas, elas não desaparecem, e continuam a existir, de forma dissimulada. Deste modo, as medidas usadas pelos educadores para suprimir a energia sexual são consideradas, por Freud, muito severas e, naturalmente, produtoras de neurose, mesmo que haja o reconhecimento da necessidade de certa repressão, para que a pulsão não saia dos limites socialmente tolerados. (LIMA e LIMA, 2010, p.3)

Para pensar sobre isso, a contribuição da psicanálise ao entendimento da cultura é importante. A civilização, segundo a hipótese levantada por Freud em seu texto “O Mal-estar na Civilização” (1930) deve sua existência às restrições pulsionais exigidas aos membros da sociedade. Desta forma, o mal estar e o desprazer são o efeito inevitável da evolução civilizatória, devido à tensão criada pela tendência à satisfação pulsional dos indivíduos, que comporta componentes agressivos, e a necessidade de organização e do controle dessas pulsões, para que se consiga a convivência social em ambiente pacífico.

Freud considera que há uma identidade entre psicologia individual e coletiva, mediada pela família. Daí a importância da família, sua constituição e seus valores, nos direcionamentos a que as pulsões infantis serão submetidas; elas serão resultado de uma educação voltada ao processo de modificação pulsional, visando à integração da criança ao convívio em sociedade. E esse processo é particularmente importante, nos primeiros quatro ou cinco anos de vida, em que as pulsões são particularmente ativas, com as fases oral, anal e fálica.

Em geral, a criança toma contato com a escola a partir dessa idade, momento em que, pelas restrições colocadas, explicitamente ou tacitamente, por sua família, já iniciaram a formação do superego, podendo, inclusive (se a célula familiar é desestruturada ou configura um ambiente hostil à criança), suas pulsões terem sido conduzidas a destinos indesejados.

Mas as restrições continuam a ser impostas, agora, por novas autoridades, responsáveis por sua educação formal: professores e demais atores da comunidade escolar. Essas limitações tendem a ser mais fortes – pois o estudante começa a fazer parte de um grupo social - e em quantidade maior. Não podemos aspirar a uma abertura descontrolada das manifestações pulsionais da criança, uma vez que, ocorrendo, torna-a marginalizada numa sociedade civilizada.

A escola e o professor, na visão de Freud, possuem importância na constituição subjetiva de seus alunos. A escola deve se colocar como um espaço para se experimentar a convivência com o outro, o diferente de si, onde se possa sonhar, falar, pensar e, ao mesmo tempo, experimentar limites. (GUIMARÃES, 2011). Em “Algumas Reflexões Sobre a Psicologia do Escolar” (FREUD, 1914), o autor enfatiza a importância da relação entre professor e aluno como algo maior e mais abrangente do que a simples

transmissão do conhecimento. Cria-se uma situação de relacionamento psíquico que facilita a transformação do jovem em um indivíduo adulto, capaz de se inserir em seu nicho social. Esta situação torna o docente como um objeto de sentimentos ambivalentes, no qual o fenômeno de transferência<sup>3</sup> tem importante papel.

A criança vive, de início, fora da cultura. Ela começa a se constituir como um sujeito a partir dos laços com a família, e da entrada na ordem da linguagem. É também na relação com o adulto que começam a ser constituídos os contornos das pulsões infantis, que serão determinantes por toda a vida. Se um dos possíveis destinos pulsionais for o mecanismo da sublimação (que atua fortemente nessa faixa de idade), a criança pode apresentar genuíno interesse e até destacar-se em alguma das (ou várias) áreas de atuação, sejam brincadeiras, jogos, atividades curriculares ou extracurriculares. Do ponto de vista da psicanálise, a própria aprendizagem depende do aproveitamento adequado da libido.

É interessante notar que, em razão da tarefa com que o aluno tem que se haver nesse momento, a superação do Complexo de Édipo, existe um fator adicional trabalhando a favor do educador, que é a identificação do estudante com ele. A identificação tem a propriedade de estreitar os laços entre ambos, o que seria mais um ponto positivo na aquisição de saberes e no desenvolvimento do estudante em uma direção de comportamento social saudável, pelo exemplo oferecido pelo professor.

A identificação com o professor é gerada pelo reconhecimento do docente como substituto da figura paterna e agrega à personalidade do aluno novas características. Do ponto de vista psicanalítico, portanto, a relação ensino-aprendizado não se limita a uma grade escolar equilibrada, ao encadeamento lógico de conhecimentos, a um planejamento de aulas didaticamente adequado, nem à competência intelectual do par professor-aluno.

A concretização do mecanismo de sublimação, alvo do desejo natural do educador em relação aos seus pupilos, naturalmente, foge entre seus dedos, pois as forças pulsionais são inconscientes e impossíveis de serem controladas. Embora reconheça a impossibilidade em controlar as pulsões, Freud, em seu trabalho “O Interesse Educacional da Psicanálise” (FREUD, 1913b), nos diz que a tentativa de suprimir de modo forçado e externo as pulsões humanas, além de não conseguir êxito, quer por sua extinção, quer pelo seu controle, ainda piora as condições do indivíduo submetido a essa força a partir de terceiros, conduzindo-as ao destino do recalque e isto cria um terreno fértil em seu psiquismo para o surgimento de uma doença nervosa (GUIMARÃES, 2011, p.59). Isso reforça a opinião emitida em “Moral sexual ‘civilizada’ e doença nervosa moderna”, trabalho freudiano de 1908, no qual alerta para o fato de que, se as pulsões perversas não sofrerem uma repressão externa que as conduza ao recalque, podem tomar um destino mais nobre, que seria a sublimação.

Aliado a todos esses fatores, existe, no caso do Instituto onde trabalho, outro, adicional, que insere mais uma variável nesse conjunto. Os conteúdos pulsionais mais afastados para o nível do inconsciente, que podem, eventualmente, permanecer

<sup>3</sup> Transferência designa, em psicanálise, o processo pelo qual os desejos inconscientes se atualizam sobre determinados objetos, no quadro de um certo tipo de relação estabelecida com eles e, eminentemente, no quadro da relação analítica. (LAPLANCHE e PONTALIS, 2012 [1982], p.514).

invisíveis no início da carreira escolar da criança, explodem tempestuosamente a partir da puberdade e da adolescência. Esse é exatamente o início da faixa etária dos educandos com os quais o IFRJ lida no processo ensino-aprendizagem.

Além de trabalhar com conteúdos concretos da disciplina que pretende transmitir aos alunos, o professor é levado, pela estrutura educacional existente em nosso país, a emitir juízos de valor. Ele avalia, por notas e trabalhos escolares, o desempenho de seus alunos, posicionando-se objetivamente de alguma forma, diferentemente da neutralidade de um profissional de psicanálise. Não se pode garantir, por este lado, que haja um encaminhamento das pulsões dos educandos em direção à sublimação, dentro de sala de aula. (CUNHA, 2008 [s.n.])

Cunha (2008), ilustrando seu ponto de vista, lembra-nos que Kupfer, em trabalho de 1995, compartilha dessa tese. A psicanálise não oferece certezas, fórmulas ou cartilhas de procedimentos que possibilitem ao professor ensinar de modo mais eficiente e produtivo. O que as ideias freudianas sugerem é, quando muito, um comportamento ético que, de tão aberto e dependente de condições externas, sequer poderia ser transformado numa lista de regras. Quando muito, recomenda aos educadores abdicar da imposição de seus pontos de vista, suas verdades, seus valores morais, seu desejo de ordem e disciplina. E isso é justamente o oposto do que observamos em algumas salas de aula da escola brasileira, onde o mestre aparece como autoridade, com saberes incontestáveis e dono de mecanismos para disciplinar seus alunos.

Se assim é, como ver, então, o relacionamento entre professor e aluno, situação aparentemente tão simples em que um está ali para transmitir certos conteúdos escolares e o outro, para aprendê-los? À primeira vista, a relação pedagógica resume-se à escolha de um bom método de ensino, um planejamento adequado das matérias e um certo conhecimento das competências intelectuais dos aprendizes. Mas a educação escolar é assim apenas na aparência, mostra a Psicanálise, pois as questões objetivas – método, planejamento, conteúdos das matérias, etc. – são importantes, mas, no entanto, não as mais importantes no ato de educar. Os ensinamentos psicanalíticos dirigem nossa atenção para o vasto e complexo mundo subjetivo oculto no interior de professor e aluno, cada qual sofrendo constantemente a pressão de seus respectivos desejos, muitos dos quais atingidos pelo recalque.

Cunha, em seu trabalho “Freud: psicanálise e educação”, de 2008, alerta que, a partir do início da puberdade, devido às alterações biológicas que começam a ocorrer nesse momento, a libido tem sua força intensificada na direção do corpo do sujeito, particularmente para as zonas genitais, modificando profundamente o quadro de comportamento que antes se via, na criança. A força pulsional aumenta a pressão no sentido de retorno aos desejos infantis, anteriormente recalcados. Aparecem os fenômenos que conhecemos como crise da adolescência. As pulsões, de uma forma mais intensa, buscando satisfação, podem gerar distúrbios no ego. Sentimentos e desejos vivenciados nessa fase e nas fases anteriores entram em conflito com as restrições do superego, a esta altura, já bastante fortalecidas.

Outra ocorrência também comum nessa idade é a aversão às figuras de autoridade, revocadas a partir das relações conflituosas paternas. Na escola, os professores e os demais atores do espaço escolar podem passar a ser identificados como essas autoridades e a sofrer, por um mecanismo transferencial, as consequências negativas dessa fase do desenvolvimento do estudante. É bastante duvidoso que esses conflitos possam ser resolvidos dentro do ambiente escolar, da forma como ele é estruturado.

De acordo com as teorias freudianas, a educação deve ter o papel de tentar canalizar as pulsões, para convertê-las em sentimentos positivos do ponto de vista social. Ou seja, conforme o discurso de Freud, só existe a possibilidade da vida em sociedade civilizada se o indivíduo aprender a exibir comportamentos como solidariedade e cooperação. E, segundo ele, estes comportamentos não são próprios do ser humano, conforme firmou no seu trabalho sobre totemismo - Totem e Tabu (1913a) -, quando descreveu a chamada horda primeva. Como, então, esses sentimentos são resultados de aprendizagem, precisam ser ensinados, tanto pela família quanto pela escola.

Nesta perspectiva, poder-se-ia imaginar que os educadores adeptos da psicanálise fossem favoráveis a uma escola organizada de acordo com os moldes tradicionais, impositiva e autoritária. No entanto, os autores que escrevem sobre o papel social da Educação, quando inspirados por teorias psicanalíticas, possuem uma posição favorável a posturas menos repressoras no trato com crianças e adolescentes. (CUNHA, 2008).

A contribuição da teoria psicanalítica para o trabalho docente não diz respeito a tornar o professor um curador de neuroses, mas sim uma pessoa atenta para entender que o processo de ensino e aprendizagem não se resume a aspectos técnico-metodológicos.

A falta de uma noção mínima desses desdobramentos psíquicos entre seus educandos, em sua formação profissional como docente, dificulta a dosagem ideal e equilibrada entre liberdade e autoridade a ser utilizada em seu contato com os estudantes. Outra decisão importante, vinculada, certamente, à primeira, é referente ao entendimento perfeito das finalidades sociais e políticas envolvidas em seu escopo de trabalho, no qual tem a obrigação primária de apresentar conteúdo específico de sua matéria, desempenho pelo qual será cobrado.

Quando, em face de todas essas variáveis, tentamos ainda promover o desenvolvimento do corpo discente, pelo uso de instrumentos que incentivem o destino da energia pulsional para a sublimação, temos que ser realistas em relação à efetividade de tais procedimentos. Oferecer situações não muito estruturadas, em que os alunos possam encontrar condições de desenvolver dons e tendências que se satisfaçam na criatividade artística e científica, pode ter efeitos bastante positivos para alguns e não para outros. A capacidade de sublimar, Freud já havia observado, não é igual para todos.

## G. Articulações entre Teoria e Prática

Aqui, indagamos de que maneira os conceitos estudados de pulsão, sublimação e evolução civilizatória podem contribuir para o Projeto de Extensão Mostra de Talentos, bem como para o aperfeiçoamento do trabalho de Orientação Educacional na formação de cidadãos plenos, entre os que frequentam o ambiente escolar no qual nos inserimos.

Particularmente, no tocante à minha experiência profissional, grande parte dos discentes encaminhados ao Setor Pedagógico, na condição de potenciais causadores de problemas em sala de aula, ou de comportamento rebelde no trato com professores e demais servidores da instituição de ensino, pareciam adquirir melhor *status* no ambiente escolar, chegando mesmo a se tornarem colaboradores ou importantes líderes no cenário educacional, após um reposicionamento da instituição que, passando a incentivar a expressão criativa pessoal, mormente de caráter cultural ou artístico como, por exemplo, pela oferta de aulas de violão, pintura a óleo e artes cênicas, suscitou uma mudança subjetiva do corpo discente.

Por meio de uma experiência escolar, iniciada pela Coordenação Técnico-Pedagógica (CoTP) do Instituto Federal de Educação Tecnológica há cerca de sete anos, em que os alunos tiveram a oportunidade de desenvolver a sua expressão artística e cultural, pareceu indicar que, cada vez mais, eles iam se apercebendo de uma relativa liberdade de expressão, à medida que iam se sentindo envolvidos nas atividades. Nesse sentido, paralelamente, observava-se neles maior segurança. Por não mais se sentirem vulneráveis a certas formas de censura ou impedimento, não ficavam evidentes as dificuldades de integração nem as atitudes de rebeldia ou de indisciplina; ao contrário, ia crescendo a atitude positiva de pertencimento ao ambiente da escola, inclusive em sua interação com todos os demais atores da comunidade escolar. Essa experiência é chamada de Mostra de Talentos.

A Mostra de Talentos é, hoje, um projeto da Coordenação Técnico-Pedagógica (CoTP) financiado pela Pró-Reitoria de Extensão (ProEX) do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Rio de Janeiro (IFRJ) cujo objetivo é integrar os talentos e as diversas formas artísticas e culturais do *campus* Realengo, promovendo maior integração e inclusão da comunidade acadêmica.

O formato atual da Mostra de Talentos é um encontro anual, formalmente inserido no calendário escolar do Instituto, sob a responsabilidade da CoTP, com a duração de um dia, no qual a comunidade acadêmica e a comunidade circunvizinha à escola podem apresentar habilidades relacionadas às artes e à cultura. A inscrição é livre, gratuita e não classificatória. Sua abrangência tem crescido a cada ocorrência, tornando-se uma atividade cada vez mais importante entre as atividades oferecidas no âmbito escolar do Instituto. Esse encontro anual possui vários subprodutos e projetos complementares, de desenvolvimento permanente, como cursos de curta duração, formação de “*clowns*” para visitas hospitalares (pessoas que, pela apresentação teatral

de caráter circense, tentam melhorar a qualidade de vida de crianças internadas) e oficinas de dança, de artes cênicas, musicais e de viés cultural.

A propósito, em relação à Mostra de Talentos, ele já começa a adquirir um perfil mais amplo; a Coordenação Técnico-Pedagógica foi convidada a integrar a Comissão Organizadora de um evento maior, que é a Jornada de Extensão – Diversidade, Saúde e Cultura do *campus*, sob o patrocínio da Pró-reitoria de Extensão Universitária do Instituto.

Por compreender, ainda, o estímulo do uso dessas habilidades do desempenho da atividade profissional, são apresentados, dentro da Mostra, experiências e projetos, tanto da parte do corpo docente quanto por parte dos alunos, executados de moto próprio, como, por exemplo, trabalhos de terapia ocupacional feitos junto a entidades cuidadoras de idosos ou de pessoas portadoras de necessidades especiais.

Em decorrência desse novo perfil pedagógico, aumentou significativamente a integração dessa modalidade de trabalho, em que se oferecem aos discentes a oportunidade de expressão artística nas mais variadas vertentes. Vale afirmar ainda que os alunos com problemas de cunho social, ou mesmo com dificuldades de engajamento no processo da aprendizagem, parecem desabrochar, mostrando suas qualidades de livre criação.

A título de exemplo, citamos três casos, não necessariamente os mais emblemáticos entre os que tratamos na Coordenação Técnico-Pedagógica do IFRJ (CoTP), mas aqueles cuja descrição permitiu preservar o anonimato dos protagonistas.

Ressaltamos que, na descrição dos exemplos, as pessoas estão identificadas por uma letra maiúscula, que não corresponde sequer à inicial própria do nome das mesmas, além de não haver, propositalmente, qualquer menção ao seu gênero e etnia.

### *Apresentação de Caso 1*

Um de nossos alunos, chamado R., entrou para o Instituto para estudar e formar-se na mesma profissão de seu pai. Começou a apresentar sérios problemas de relacionamento e adaptação. Por esses motivos, R. foi encaminhado como aluno-problema à CoTP, mas seu problema maior era trazido de casa, pois foi “conduzido” ao curso por insistência do pai, orgulhoso da própria ocupação. Após vários episódios de absenteísmo, as ocasiões em que comparecia à escola, não assistia às aulas, mas refugiava-se em nossa sala, em silêncio ou em busca de ajuda, mas sem ao menos conseguir expressar-se sobre o peso que carregava nos ombros; só a muito custo, conseguimos extrair dele o motivo para tal comportamento. Mesmo com a interveniência positiva da CoTP em cada uma dessas ocorrências, retirou-se da escola, por trancamento de matrícula, para tratamento psicológico.

O fato é que, mesmo de longe, pudemos estar em contato com R. e, ao fim de um processo – provavelmente doloroso para ele -, retornou à escola. Mas, imediatamente à sua chegada, a CoTP, além de intervenções de cunho psicopedagógico, apresentou

R. a um grupo teatral, que estava embrionário e que pretendia amadurecer, como subproduto da Mostra de Talentos, com alguns pequenos atos (*sketches*, no jargão deles). Foi como uma luz, acendendo repentinamente para iluminar um porão escuro. R. foi bem aceito pelo grupo, ao mesmo tempo em que aceitou as novas “atribuições”, pela possibilidade de expressar-se de forma adequada e em ambiente hospitaleiro. A apresentação da peça na qual atuou foi considerada muito boa e, particularmente, a atuação de R. excedeu as expectativas. R. continua a ser acompanhado pela Coordenação, mas mostra agora capacidade de reflexão crítica sobre a própria condição e percebe a vantagem de praticar a solidariedade, enquanto pertencente a um grupo com o qual se identifica. Além disso, R. conseguiu desmontar um “bloqueio” e mostrar que possuía conhecimentos de Matemática acima da média de sua turma, vindo a tornar-se monitor da matéria.

### *Apresentação de Caso 2*

A. era um aluno considerado como um solitário “crônico”. Sua história de vida justificava esse comportamento: oriundo de uma camada mais carente da população, teve acesso ao Instituto através do vestibular comunitário; era portador de uma doença incurável e, em condição de vulnerabilidade social, caminhava cerca de cinco quilômetros, no meio do período escolar, para alimentar-se em um Restaurante Popular Governamental, onde a refeição era paga ao preço de um real.

Aproximou-se da CoTP para perguntar se seria possível, trazendo um violão para a escola – para distrair-se nos intervalos de aula, às vezes longo, pois estudava em período integral – servir-se de nossa sala como local de guarda para seu instrumento. Não só permitimos, como também passamos a prestar atenção ao seu comportamento e condições atribuladas de vida. Estabeleceu-se, entre nós e A., relação de confiança tal que pudemos ver suas dificuldades de adaptação ao meio ambiente, em geral. Vimos que, a despeito de todos os reveses, era um ser humano receptivo e alegre.

Hoje, ele não só é um dos participantes da Mostra de Talentos, como serve de inspiração, por seu comportamento, a outros com dificuldades quaisquer dentro do Instituto. Colabora de forma ativa com o planejamento e a programação de nosso evento artístico-cultural, descobrindo novos talentos entre seus pares e servindo de “garoto-propaganda” aos benefícios que tal projeto que, segundo nossa visão, leva à integração da comunidade acadêmica, pela mescla entre os saberes cognitivo-tecnológicos e os de ciências humanas, por meio das artes e da cultura, em suas diferentes expressões.

### *Apresentação de Caso 3*

Conhecemos o aluno F. porque ele, de moto próprio, entrou em contato conosco, buscando uma forma de ajuda financeira. A Coordenação é responsável pelo Projeto de Assistência Educacional, para alunos em vulnerabilidade social. Pela própria falta de condições, inclusive econômica, sua assiduidade também não era boa, pois tanto o deslocamento para o Instituto quanto a alimentação eram prejudicados, e o período de estudo é de caráter integral. A CoTP, no entanto, conseguiu inseri-lo neste Projeto. Durante esse nosso contato, soubemos que ele se mantinha pela apresentação de poesias que, eventualmente, serviam de letra para uma ou outra música. Convidamos F. a fazer parte de nosso projeto, embora com resistência de sua parte, pois sua aparência exterior, impactante à primeira vista, o tornava excessivamente tímido e não se julgava capaz de “enfrentar” uma plateia. Vencida, a custo, essa barreira, pudemos constatar a prazerosa sensação que causou sua apresentação pública, quando seus professores, seus colegas, enfim, toda a comunidade escolar pôde ouvir, em silêncio, sua voz, ao mesmo tempo cavernosa e doce, a recitar poemas de sua autoria, inclusive, para nosso maior prazer, alguns já premiados em outros círculos culturais. O comportamento de F. também sofreu mudança radical; verificamos que sua “concha” tinha se partido para mostrar toda sua capacidade.

Para além desse exemplos, ressaltamos que nós, os profissionais da Coordenação Técnico-Pedagógica (CoTP), somos demandados por professores, pais e funcionários administrativos para lidar com um sem-número de incidentes que, ao fim e ao cabo, levam a condições de indisciplina, queda no rendimento de aprendizagem, absenteísmo e abandono escolar. Algumas vezes, tais problemas surgem no ambiente fechado da dinâmica educacional, mas, na maioria das vezes, são trazidos à escola como reflexo de uma estrutura familiar desorganizada ou inexistente. Aqui observamos que o aluno tenta encontrar, a todo custo, o equilíbrio entre seus desejos inconscientes e as exigências da realidade que lhes são impostas pela sociedade, da qual o Instituto faz parte.

### ***Conclusão***

Ao estudar sobre o que deve ser feito, penso na possibilidade real de converter uma certa quota de energia pulsional do aluno, já nessa idade em que ingressa no Instituto, para o destino da sublimação e da criatividade. Mesmo sendo isso possível, surge imediatamente outra questão, que gira em torno do *modus faciendi* desse procedimento.

Tal implementação está baseada, também, na hipótese de que, apesar das restrições do superego já contemplarem alguma consolidação nos discentes na faixa etária com a qual o IFRJ trabalha, ainda seria possível destinar parte da energia pulsional



que eles possuem em direção à sublimação. Para tanto, a Mostra de Talentos e seus desdobramentos poderiam ser pensados como espaço em que o estilo singular de cada um seja valorizado e como local de mútuo aprendizado de discentes e docentes.

Embora o trabalho de pesquisa do assunto tenha sido de utilidade ímpar para meu aperfeiçoamento profissional, ainda assim termino este artigo não com uma conclusão, mas com uma agenda de reflexões e discussões de planejamento estratégico a serem discutidas com meus pares na Coordenação Pedagógica e com o envolvimento dos demais atores escolares.

Dentro das questões levantadas estariam:

- a) A experiência Mostra de Talentos, como evento máximo de uma série de atividades culturais e artísticas que promovemos no Instituto, com calendário oficial e organização própria, será suficiente? Sua abrangência, em duração e escopo, será adequada? Ou seria mais adequado aumentar sua frequência e diversidade?
- b) Não seria fundamental agregar a esse trabalho (com a intenção de atrair uma quantidade maior de jovens e também de docentes) um maior leque de oportunidades sublimatórias? A inclusão de artes plásticas e de artesanato poderia potencializar, de forma mais contundente, a Mostra de Talentos?
- c) Como abordar os alunos que reagem negativamente às tentativas de orientação levadas a cabo pela Coordenação? Será que essas pessoas já não estariam em uma situação psicanalítica de “inibição de pensamento”?
- d) Qual seria a metodologia de atração dos estudantes que são arredios, por apresentarem timidez em excesso?
- e) Como agir nos casos de alunos que já apresentam desvios neuróticos pelo destino pulsional indesejado e sedimentado?
- f) Como acessar o discente que, devido a suas peculiaridades, necessita de uma abordagem singular, diferente das já elencadas?
- g) Considerando que a educação vai além da passagem de conteúdos e da construção de frias avaliações, de que forma a abordagem psicanalítica pode auxiliar as práticas do corpo docente?
- h) Quais seriam a programação e a metodologia de abordagem “em busca da sublimação” para os educandos que tenham pouco interesse em atividades culturais?
- i) Seria interessante ampliar o escopo da Mostra de Talentos, incluindo seus cursos complementares, preparatórios e subprodutos, transformando-o em um programa institucional que possa ser ampliado para vários *campi*? Como compartilhar a proposta com os demais *campi*, garantindo que cada um deles conserve as suas peculiaridades?

Tais questões apontam para a conveniência de implementação de um programa institucional mais ampliado, cujo objetivo seja a formação integral do aluno. Para tanto, faz-se importante uma construção coletiva, sendo o atual Projeto Mostra de Talentos seu embrião.

Para além de fechar, essas reflexões se propõem a abrir caminhos, o que demanda um aprofundamento teórico que favoreça a articulação com a prática.

## Referências

CUNHA, Marcus Vinícius. Freud: psicanálise e educação. In: *Psicologia da Educação*. Rio de Janeiro: Editora Lamparina, 2008. 21 p. [Online no acervo da UNESP. SP]. Disponível em: <<http://www.acervodigital.unesp.br/bitstream/123456789/140/3/01d08t01.pdf>>. Acesso em: 28 nov. 2014.

FREUD, Sigmund. *Projeto para uma psicologia científica (1950 [1895])*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (ESB); v. I. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.335-468.

\_\_\_\_\_. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade (1905)*. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 119-232. (Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (ESB); v. VII.)

\_\_\_\_\_. *Escritores criativos e devaneio (1908a)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (ESB), v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.131-144.

\_\_\_\_\_. *Moral sexual 'civilizada' e doença nervosa moderna (1908b)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (ESB), v. IX. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.165-186.

\_\_\_\_\_. *Leonardo da Vinci e uma lembrança de sua infância (1910)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (ESB), v. XI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.67-142.

\_\_\_\_\_. *Totem e Tabu (1913a)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (ESB), v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.11-164.

\_\_\_\_\_. *O interesse educacional da psicanálise (1913b)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (ESB), v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.190-192.

\_\_\_\_\_. *Reflexões sobre a psicologia do escolar (1914)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (ESB), v. XIII. Rio de Janeiro: Imago, 1996. P.243-250.

\_\_\_\_\_. *Os instintos e suas vicissitudes (1915)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (ESB), v. XIV. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.115-144.

\_\_\_\_\_. *O mal-estar na civilização (1930)*. Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas (ESB), v. XXI. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p.65-148.

GUIMARÃES, Marisa Siggelkow. A educação, a sublimação e os ideais. *Revista Trivium*, Rio de Janeiro, ano v.3, n.1, p. 55-67, 2011. In:<<http://www.uva.br/trivium/edicoes/edicao-i-ano-iii/artigos-tematicos/6-educacao-a-sublimacao-e-osideais.pdf>>. Acesso em: 19 mar. 2015.

LACAN, Jacques. *O seminário livro 7: A ética da psicanálise*. 1959-1960. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008. 388 p.

LAPLANCHE, Jean ; PONTALIS, Jean-Bertrand. *Vocabulário da psicanálise*. 4ª ed. 5ª tiragem. São Paulo: Martins Fontes, 1982, 2012. 552p.

LIMA, Maira Sampaio Alencar; LIMA, Maria Celina Peixoto. As contribuições de Freud para o debate sobre educação e inibição intelectual. In: *O declínio dos saberes e o mercado do gozo*, 8p., 2010, São Paulo. *Proceedings online...FE/USP*. Disponível em: <[TTP://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=MSC0000000032010000100003&lng=en&nrm=abn](http://www.proceedings.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=MSC0000000032010000100003&lng=en&nrm=abn)>. Acesso em: 19 mar. 2015.

PATTO, Maria. Helena.Souza. *A Produção do Fracasso Escolar: histórias de submissão e rebeldia*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999. 75p.

ROSA, Maria da Glória de. *A História da Educação através dos textos*. 21ª ed. São Paulo: Cultrix, 2011. 315p.

*Artigo recebido em: 26 abr. 2015*

*Aceito para publicação em: 23 out. 2015*